

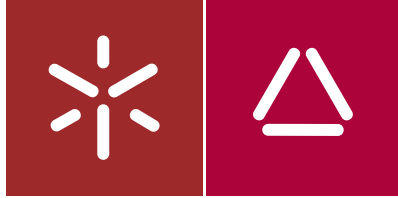


Universidade do Minho  
Instituto de Ciências Sociais

Rute Isabel Da Silva Fernandes

Estórias Performativas - Projeto de  
Intervenção na cidade de Guimarães





Universidade do Minho  
Instituto de Ciências Sociais

Rute Isabel Da Silva Fernandes

Estórias Performativas - Projeto de  
Intervenção na cidade de Guimarães

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura  
Projeto de Intervenção e Relatório

Trabalho efetuado sob a orientação de  
Professora Doutora Helena Pires  
Professora Cátia Faísco

Nome: Rute Isabel Silva Fernandes

Endereço Eletrónico: [rutef68199@gmail.com](mailto:rutef68199@gmail.com)

Telefone: 918826190

Numero do Bilhete de identidade: 14603763

Titulo do projeto: Estórias Performativas

Trabalho efetuado sob a orientação:

Professora Doutora Helena Pires

Professora Cátia Faísco

Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado:

Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTE RELATÓRIO  
APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO  
ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura:

Rute Isabel da Silva Fernandes

## **Agradecimentos:**

Aos meus pais pelo apoio que me deram até hoje na minha vida, porque esse apoio só fez com que eu chegasse onde estou hoje. Quero agradecer pelos momentos de paciência que tiveram quando eu estava naquelas fases de stress. Pela força que me deram para continuar e nunca desistir.

Quero agradecer à minha orientadora Cátia Faísco, à qual fui provocando alguns ataques cardíacos ao longo do projeto, quando não lhe dizia nada, e quando passava horas no gabinete dela a encher-lhe o juízo. Quero agradecer a boa energia que só ela me sabe passar e os conselhos de amiga sempre disponível.

Obrigada a si também Professora Helena, pelo aprendizado que me deu ao longo deste tempo e pela paciência de acompanhar uma orientanda tão especial, sem nunca desistir de acreditar em mim.

Obrigada à Camara Municipal de Guimarães, mas principalmente ao Dr. Paulo Pinto, que foi incansável na ajuda que me deu. À equipa do Museu Alberto Sampaio, mas em especial às Doutoras Patrícia Sampaio e Sónia Silva que me aturaram horas no gabinete delas e que estiveram até ao fim a ajudar-me com um sorriso na cara.

Não me podia esquecer de todos os artistas envolvidos no projeto, que aceitaram embarcar nesta aventura comigo, aos colaboradores que foram incríveis e fizeram um trabalho excelente, mas em especial à Beatriz Merouço que sem ela naquele dia tinha tido um ataque nervos. Um obrigada especial também à Marlene Cardoso que agarrou de várias frentes o projeto, desdobrando-se em mil facetas.

Obrigada a todos os que tornaram este projeto possível de alguma forma.

Muito obrigada!!!



## Prefácio

“Nos últimos anos vi muitas pessoas chegarem a esta cidade, com um brilho nos olhos, na esperança de encontrar algo que as realizasse.

Aos que partiram, consegui sentir-lhes a certeza de que voltariam para um reencontro. Um reencontro com a cidade, com as suas gentes, com esta família gigante à qual todos nós pertencemos.

Quando penso em Guimarães, penso na forma genuína como as pessoas passam a querer fazer parte dela, a querer transformá-la e a querer firmar raízes para nunca mais a deixar. Talvez seja por isso que nunca a deixei. Já vi muitos partirem, e tal como a cidade, fiquei cá à sua espera para o tal reencontro.

E por muito que os anos passem, as pessoas mudem e a cidade fique, o ponto de chegada para mim, é sempre o mesmo: a esquina daquele café. No mapa é só mais um local, mas para todos nós é uma espécie de relicário noturno que guarda as nossas estórias os risos sem fim, os passos que damos nas nossas vidas e nas ruas da cidade.

Por vezes, interrogo-me sobre o porquê de ter nascido aqui, como seria a minha vida se não vivesse cá, que tipo de pessoa seria, e a única certeza que tenho é que seria uma pessoa diferente. Guimarães é o retrato das pessoas que nela habitam e que por ela passam. É por isso que hoje resolvi trazer estórias que são desta terra, de outros tempos talvez, mas vistas pelo olhar de uma nova geração de artistas. Um novo olhar sobre o passado, uma tradição que se reinventa e que marca o nosso reencontro de hoje na cidade de Guimarães.”

**Rute Fernandes, 2017<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Este texto foi escrito para a abertura do evento “Estórias Performativas”, com intuito de dar um cunho pessoal à abertura do evento.



*Imagem 1- Momentos antes do início do evento, atriz Marlene Cardoso prepara-se para a leitura do texto.*

*“O povo está divorciado da cultura, e encolhe-se cada vez mais na sua fome e na sua ignorância. Somos nós, os que saímos dele e o queremos verdadeiramente servir, que temos o dever de o procurar, de o esclarecer, de o interessar ativamente na sua própria salvação.”*

**Miguel Torga, 1945**



## Resumo:

Depois de uma pesquisa sobre eventos culturais em Guimarães, “Estórias Performativas” surge como projeto no âmbito do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura da Universidade do Minho, juntamente com o apoio de outras infraestruturas, como a Câmara Municipal de Guimarães e o Museu Alberto Sampaio.

“Estórias Performativas” foi um evento de percurso que teve como base de criação os mitos e as lendas da cidade de Guimarães. O projeto propôs-se a reavivar estórias da comunidade vimaranense, com o objetivo de não existir uma perda desta parte cultural por parte da comunidade mais jovem da cidade. Foi imprescindível para o projeto que houvesse uma ponte de ligação entre o passado e o presente da cultura vimaranense.

Todo o evento foi idealizado para ser concretizado por uma geração de novos artistas, ou artistas que se estão a relançar no mercado, e que de alguma forma estão ligados à cidade. Artistas estes que ou nasceram em Guimarães, ou adotaram a cidade como sua.

Existiram quatro pontos de paragem no mapa da cidade, e em cada um deles pudemos assistir a uma representação artística diferente dos vários mitos ligados à cidade, desde “*Santa Margarida protetora das grávidas*” ao “*Cutileiro*”, passando por mais estórias.

A partir de fotografia, moda e performance, cada artista criou uma experiência sensorial para que o público se sentisse mergulhado em diferentes sensações, conduzida através de uma abordagem contemporânea e simbolista das estórias por eles retratadas.

A realização do evento teve lugar no dia 22 de julho de 2017, na cidade de Guimarães, com início às 21h no primeiro ponto de paragem a Igreja de S. Miguel.

Neste relatório estará descrita a origem do projeto, todo o seu processo até à concretização e uma análise do resultado final.

**Palavras-chaves:** Mitos; Lendas; Cultura; Evento Performativo;

## **Abstract:**

After researching cultural projects in Guimarães, “Estórias Performativas” (in English, "Performative Stories") emerges as a project within the Master's Degree in Communication, Arts and Culture at the University of Minho, along with the support of other infrastructures, such as the Guimarães City Council and the Alberto Sampaio Museum.

"Estórias Performativas" was a event based on the myths and legends of the city of Guimarães. The project proposed to revive stories of the Guimarães community, in order to preserve them and not let the youngest in the city's community forget their cultural heritage. It was essential for the project that there was a bridge between the past and the present of the city's culture.

The whole event was conceptualized to be performed by a generation of new artists or artists that are relaunching in the market, who are somehow connected to the city. Artists who were either born in Guimarães, or adopted the city as their own.

There were four stops on the city map, and in each one of them we were able to watch a different artistic representation of the various myths related to the city, such as "Santa Margarida protector of the pregnant women" and "Cutileiro", along other stories.

Through photography, fashion and performance each artist created a sensory experience so that the audience felt immersed in different sensations, conducted through a contemporary and symbolic approach to the stories portrayed.

The performance of the show took place on July 22nd, 2017 in the city of Guimarães starting at 21h00 at the first stop, São Miguel Church.

In this reflection will be described the origin of the project, all its process until the concretization and an analysis of the final result.

**Keywords:** Myths; Legends; Culture; Performative Event;

## Índice

<b>Índice de Imagens</b>	<b>11</b>
<b>Índice de Anexos</b>	<b>12</b>
<b>1. Introdução</b>	<b>13</b>
1.1. Origem da Ideia	13
1.2. Formulação da Ideia	13
1.3. Objetivos primordiais do projeto	14
1.4. Pequeno enquadramento da Ação	15
<b>2. Pré-produção</b>	<b>20</b>
2.1. Listagem e Calendarização das tarefas	20
2.2. Criação da parceria com a Instituição de cooperação ou de implementação do plano de intervenção	22
2.3. Escolha dos mitos/lendas	23
2.4. Reunião com as equipas de criativos e distribuição dos Textos	25
2.5. Reserva de espaços	27
2.6. Base de dados	29
2.7. Parte gráfica do projeto	30
<b>3. Produção</b>	<b>33</b>
3.1. Divulgação do projeto	33
3.2. Equipa de colaboradores	34
3.3. Dia do Espetáculo/ Espetáculo	35
3.3.1.1. Ponto de Paragem 1 – Igreja de S. Miguel	38
3.3.1.2. Ponto de Paragem 2 – Extensão do Museu Alberto Sampaio	41
3.3.1.3. Ponto de Paragem 3 – Posto de Turismo	43
3.3.1.4. Ponto de Paragem 4 – Museu Alberto Sampaio	45
<b>4. Avaliação do Espetáculo e opiniões</b>	<b>47</b>
4.1. Opiniões do público	47
4.2. Autocrítica/ Elementos passíveis de melhora	49
<b>5. Considerações finais</b>	<b>51</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>52</b>

## Índice de Imagens

-Momentos antes do início do evento, atriz Marlene Cardoso prepara-se para a leitura do texto	7
-Árvore do Cavalinho, vista em vários pontos da cidade	24
-Experimentações da artista gráfica	30
-Experimentações da artista gráfica	30
-Rascunhos do logotipo por parte da artista gráfica	31
-Logotipo final do evento	32
-Imagem de divulgação do site Freepass	33
-Conversa com os colaboradores antes do início do evento, últimas indicações	34
-Preparação do espaço da última exposição, no dia do evento	36
-Início de evento com leitura do texto inicial	38
-Público no primeiro momento do evento	39
-Atriz no primeiro momento do evento	40
-Performance do segundo ponto de paragem “ÉzEU?”	41
-Outro momento da performance da extensão do Museu Alberto Sampaio	42
-Público a assistir a performance “ÉzEu?”	42
-Modelo do criador Manuel Faria Rodrigues	43
-Modelos da criadora Beatriz Martins	44
-Performance no último ponto de paragem do percurso, Agarra(me)	45
-Atrizes da Performance no Museu Alberto Sampaio	46
-Público a ver e a conversar sobre a exposição do ponto 4	47

## **Índice de Anexos**

### **Anexo 1 (anexos no documento)**

Texto 1- Santa Margarida protetora das grávidas	<b>54</b>
Texto 2- Pedro Oliva e os privilégios das tábuas vermelhas	<b>55</b>
Texto 3- Duas Caras	<b>57</b>
Texto 4- Árvore do Cavalinho	<b>57</b>
Texto 5- Cutileiro	<b>58</b>
Texto 6- Texto áudio do Início do Desfile	<b>60</b>
Opiniões Integrais	<b>62</b>
Ficha de Produção 1	<b>69</b>
Ficha de Produção 2	<b>70</b>
Ficha de Produção 3	<b>71</b>
Ficha de Produção 4	<b>72</b>
Ficha de Produção 5	<b>73</b>

### **Anexo 2 (anexos em cD)**

Imagens do Evento	
Cartaz do Evento	
Flyer do Evento	
Apresentação gráfica da designer	

## 1. Introdução

### 1.1. Origem da Ideia

Este projeto surge depois de uma conversa sobre a falta de conhecimento/interesse das populações sobre a tradição e a cultura artística da cidade. O que me levou a fazer a intervenção na cidade de Guimarães a esse nível, numa tentativa de união entre duas gerações numa cidade que ambiciona dinamismo cultural. O meu projeto assoma então da vontade de dar voz às estórias de uma faixa etária mais antiga.

A maioria dessas estórias aparecem de mitos, lendas ou simbolismos que estão ligados à cidade, e que são passadas de geração em geração. Contudo, um dos problemas que está muito ligado a esta falta de preservação das estórias da cidade, é a falta de comunicação entre as gerações mais velhas e as mais novas, que não se aproximam para trocar saberes. Como a ideia de transmitir este conhecimento se tornou o centro da questão, surgiu então a vontade de lançar um desafio às gerações de artistas mais jovens. Ou seja, reinterpretar artisticamente aquelas estórias e, desta forma, passar o conhecimento de outras gerações para uma geração mais nova utilizando dispositivos diferentes e mais atuais.

O evento manifesta-se então da vontade de tornar aquele momento de absorção, numa experiência única para o espetador.

### 1.2. Formulação da Ideia

Que local poderia receber um projeto com uma dimensão tão grande quanto a que eu queria concretizar?! Foi realmente muito difícil perceber de que forma poderia montar o evento. Até que a ideia de ser um espetáculo não só performativo foi pensada. Oferecendo assim a possibilidade de dar a conhecer mais áreas artísticas como pintura, fotografia, moda, performance entre outras. Haver representações das estórias com outros olhares.

Percebi então que existia uma necessidade de conseguir várias infraestruturas que acolhessem o espetáculo, surgindo por consequência o

conceito de evento de percurso. A ideia começou a ganhar forma e, com a primeira planificação, foi determinado que o evento, começaria num ponto da cidade e se iria desenrolando, por outros locais.

A ideia inicial seria até que os vários pontos estivessem abertos em simultâneo, mas percebi logo que por uma questão de logística era realmente muito complicado e cansativo para os artistas das áreas performativas. Então, inicialmente, foi estimado que o ideal seria ter cerca de cinco pontos, mas depois por causa de autorizações de utilização de espaços, só puderam ser quatro os locais de paragem do projeto. O evento não se propunha a ser um percurso com a mesma estória de início a fim, mas sim um trajeto com estórias diferentes e áreas artísticas variadas.

Num momento posterior percebi que era enriquecedor para o projeto, se os pontos de paragem do percurso fossem lugares pouco convencionais para espetáculos e exposições. Então, comecei uma pesquisa por espaços que encaixassem nesses parâmetros e que pudessem estar de alguma forma ligados aos mitos/ lendas que iria selecionar.

Outro dos grandes objetivos para este projeto, era levar as pessoas a saírem de casa para observarem a sua cidade com um olhar diferente, e poderem visitar sítios que nem sempre temos a possibilidade de conhecer.

Para que o evento tivesse os resultados pretendidos, era importante dar total liberdade de criação artística aos intervenientes convidados. De forma mediada para que existisse uma conexão entre todo o percurso.

### 1.3. Objetivos primordiais do projeto

Como objetivos primordiais do projeto apontei os seguintes:

#### Objetivo principal:

- O projeto de intervenção tem por grande objetivo contribuir para a salvaguarda e transmissão dos mitos e das lendas da cidade de Guimarães.

### Objetivos específicos:

- Promover um trabalho conjunto entre as infraestruturas e os artistas.
- Dar uma nova dinâmica cultural à cidade, durante uma noite.
- Recriar os mitos /lendas e simbolismos ligados à cidade de Guimarães como forma de cativar a preservação dos mesmos.
- Proporcionar uma oportunidade a jovens artistas de mostrar o seu trabalho.
- Dar a conhecer a cultura e a geografia da cidade de Guimarães através de uma nova perspetiva.
- Unir duas faixas etárias (mais velhos e os mais novos) de modo a serem capazes de passar conhecimento ou ao nível de tradições ou cativar simplesmente para a cultura artística.

#### 1.4. Pequeno enquadramento da Ação

A palavra mito apresenta-nos várias definições, mas a que se enquadra mais no projeto que pretendo realizar é: “narrativa fabulosa de origem popular; lenda” (Dicionário on-line Porto Editora)<sup>2</sup>

Mitos/lendas podem ser também narrativas utilizadas pelos povos antigos para explicar as origens do mundo, e do homem, fatos da realidade e fenómenos da natureza, que não eram percecionados por eles.

Claude Levi Strauss refere que muitas vezes os antropólogos fazem recolhas de mitos que parecem fragmentos e remendos, pelo facto de se tratarem de histórias desconexas e sem seguimento entre si. “Que significado têm estas histórias recolhidas?” (Strauss, 2017, pg.49)

Segundo Roland Barthes o mito não se define pelo seu conteúdo que apresenta, mas sim pela forma como é transmitido. Barthes reforça ainda a sua ideia dizendo que “O mito tem limites formais, mas não substanciais” (1988, pg.131)

---

<sup>2</sup> <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Mito> - site acedido pela última vez em 28/04/2018



Os mitos estão repletos de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. E todos estes componentes são misturados com fatos reais, características humanas, e pessoas que realmente existiram o que torna os mitos em fábulas intemporais e que muitas vezes até se confundem com a própria história. “O problema é este: onde acaba a mitologia e começa história?” (Strauss, 2017, pg.52) É realmente difícil proceder a uma separação definitiva destas duas áreas, porque a história baseia-se em arquivos, documentos escritos, mas muitas vezes é através da tradição verbal que obtemos conhecimentos de épocas passadas. Não deixando de ser verdade, o conhecimento que obtemos dessa forma. O problema está em conseguirmos é encontrar uma confirmação documental sobre os relatos que nos são feitos.

Sabemos também que, muitas vezes, que o fundamento histórico ligado aos mitos, é hipotético ou inventado, e que faz parte de uma dimensão imaginativa. “A noção de mito pareceu-me desde logo designar estas falsas evidências;” Barthes (1988:7)

Depois do estudo de vários mitos, percebemos que há semelhanças nas narrativas e que existem mesmo mitos que são repetições uns dos outros. Strauss dá o exemplo da tradição do Chefe Wright e do Chefe Harris que ao serem lidas, se encontram semelhanças, mas não têm a mesma localização espacial, nem temporal. Strauss quando é confrontado com os conceitos mitologia e história define-os da seguinte forma:

A Mitologia é estática: encontramos os mesmos elementos mitológicos combinados de infinitas maneiras, mas num sistema fechado, contrapondo-se à História, evidentemente, é um sistema aberto. (Strauss, 2017, pg.54)

Os mitos podem alterar toda a percepção de um determinado tema ou cultura. Um bom exemplo desse feito é o facto de estarmos constantemente a sermos invadidos por imagens da cultura Viking, em que nas suas representações eles aparecem a usar elmos com chifres, uma imagem que para nós é perfeitamente credível. Só que na realidade a representação que nós temos deles é completamente distorcida porque era impensável eles usarem elmos com chifres porque não eram práticos em batalha. Então como surge esta

representação que nos chegou até aos dias de hoje? Ela surge através de um mito que dizia que os Vikings tinham medo que o céu lhes caísse em cima. Barthes dá este exemplo e reforça que foi graças aos os pintores do romantismo que esta caricatura dos vikings, que se prolongou até aos dias de hoje. Mas não estamos a falar de um caso isolado, muitos mais mitos deram origem a representações e crenças que nos acompanham ainda.

Quando um artista tenta trabalhar sobre um mito, torna-se importante pensar no que quer transmitir ao público e acima de tudo o que quer manter da versão original. A transformação de um mito para um texto narrativo ou para a criação de uma performance é um processo demorado. No teatro durante um longo período de tempo, o texto era o cerne de tudo, através de diálogos, personagens, situações dramáticas, acreditava-se que era assim que se conseguiria estabelecer uma maior ligação com o público. Segundo Lyra (2013, pg.46) este fenómeno de textocentrismo permaneceu até ao final da década de 1950 e não se aceitava a existência de vários sentidos possíveis de uma mesma dramaturgia. Era tanta a sacralização do texto que começaram a surgir movimentos contraditórios, um exemplo é a reatralização, que tinha por objetivo atenuar a relação entre o texto e o espetáculo. Ou seja, pretendia-se que os atores, dramaturgos, encenadores, cenógrafos ganhassem independência em relação a questões cénicas. Apesar da consciência da necessidade de mudança de postura em relação ao texto, os primeiros encenadores que tentaram aplicar esta forma de criação não foram muito bem-recebidos no seu tempo. Antoin Artaud (Artaud apus Lyra, 2013, pg. 47) afirma que mesmo eliminando a ideia de texto dramático, era preciso manter a palavra, e o som que ela imitia no espaço, tal como se fazia em rituais antigos e cerimoniais mágicas. Artaud (*Idem*) diz ainda que o teatro deve pertencer ao plástico e físico, e não ao psicológico e verbal. Depois destas ideias de Artaud, surge uma nova tendência, através de Bertolt Brecht: o texto passa a ser apresentado através de fragmentos, episódios e às vezes materiais gráficos: diagramas, projeções, cartazes.... Esta fórmula permitiu criar assim um efeito de distanciamento em relação a texto. Em 1959, Jerzy Grotowski cria o teatro de laboratório e passa então “a atrair o foco para as suas experiências, que tinham como fundamento muitos dos pensamentos de Artaud, conclamando um teatro

pobre, onde o ator se desvenda, tornando-se personagem dele mesmo.” Luciana Lyra (2013, pg.48). É importante ressaltar que Grotowski usava temáticas que evocavam o sentido de auto-erradicação através de mitos que, para ele são temas muito complexos. Grotowski (Grotowski apus Lyra, 2013 pg.48) dizia ainda que o texto devia ser desenvolvido ou através da adoração ou da profanação ou seja, os mitos que já estão contundentes pela memória coletiva são reavivados, ou seja, adorados; mas ao mesmo tempo são confrontados com uma realidade contemporânea que os pode simplesmente aniquilar (profanação).

As performances baseadas em mitos possibilitam um confronto sincero e brutal. Se por um lado temos as nossas próprias experiências e preconceitos, por outro lado temos as crenças e experiências de vida das gerações que nos precederam. Em resposta a todas estas perspectivas, a noção de texto vai sofrer alterações, diminuindo a sua própria autoria e redefinindo funções de todos os envolventes. O texto deixa de ter um formato aristotélico e passa a ter um formato mais livre, onde será possível uma conjunção de fragmentos sem que se perca a linha condutora do texto de forma a provocar mais os sentidos do público. É a partir deste momento que o texto deixa de ser o centro da criação teatral. Nascendo então um campo da arte que dá mais abertura e novas possibilidades aos artistas. No meio dessas novas linguagens surge a performance art. A performance art é definida por Marvin Carlson:

“É uma arte do solo, e o típico artista performático usa pouco dos elaborados cenários do cenário tradicional, mas no máximo alguns adereços, pouca mobília e qualquer traje (às vezes até nudez) que é mais adequado para as situações de performance.” (2004, pg.6)

Henry Bial (2007, pg.59) acrescenta ainda que, performance art é um conjunto de várias atividades que um individuo faz durante um período marcado e tempo, pela sua presença continua antes de um determinado conjunto de espectadores aparecerem e ele ter influência sobre eles.

Quando um performer trabalha com uma comunidade sobre as histórias da mesma é necessário haver mediação entre todas as partes intervenientes,

que é realmente importante para o bom funcionamento de um projeto. O conceito de mediação está ligado a vários métodos de aproximação de indivíduos ou grupos. Mais concretamente, no caso da mediação cultural, estamos a falar de uma promoção, aproximação e compreensão entre todos os intervenientes de uma obra de arte.

## 2. Pré-produção

Posteriormente a uma fase de investigação sobre temáticas e conceitos envolventes ao projeto, comecei a planear o evento e a criar uma calendarização. A fase de pré-produção, foi uma etapa fundamental para a realização do projeto, porque foi neste período que concretizei a maior parte do plano de tarefas.

### 2.1. Listagem e calendarização das tarefas.

Inicialmente dividi o projeto em três fases em termos de calendarização:

1) A primeira fase de pré-produção que se estendia entre os meses de setembro e março. Este foi o período que designei para a recolha das histórias da cidade, da criação da parceria com a Camara de Guimarães, a escolha dos artistas com quem ia trabalhar, a reserva dos espaços e a parte gráfica do projeto.

2) A segunda fase, à qual chamei produção, que abrangeria os meses de abril, maio, junho e julho. Durante este espaço temporal, agendei reuniões com os artistas para acertar os últimos detalhes e para seguir o trabalho de cada grupo. Estipulei do mesmo modo, que seria a partir de maio que iniciaria a divulgação sobre o evento e que seria enviado o comunicado de imprensa, assim como os convites. (tabela 1)

3) E, finalmente, a terceira fase seria a análise e avaliação do projeto onde recolheria informações e faria a parte escrita do projeto final do mestrado.

Infelizmente, a calendarização não pode ser concretizada da forma como agendei, devido a vários percalços que aconteceram. A data do espetáculo, que teve de ser adiada, levou a uma prolongação de autorizações de utilização de espaços. Que consequentemente fez com que a divulgação não fosse lançada na altura prevista inicialmente. (tabela 2)

Tabela 1- Tabela de Calendarização das tarefas do projeto (previsão)

	Sete mbr o	Out ubr o	Nov embro	Deze mbro	Jan eiro	Fev ereir o	Març o	Abril	Mai o	Junho	Julh o
Estabelecimento de parceria com a Camara Municipal de Guimarães											
Recolha das estórias da cidade											
Escolha e redação dos mitos selecionados											
Seleção dos artistas convidados											
Atribuição das estórias aos artistas											
Reuniões com outras entidades/ artistas											
Distribuição dos espaços e fixação dos mesmos											
Imagem Gráfica do projeto											
Comunicados de imprensa/ divulgação/ convites											
Equipa de colaboradores											
Evento											

Tabela 2- Tabela de Calendarização das tarefas do projeto (realidade)

	Sete mbro	Outu bro	Nov embro	Dezem bro	Jane iro	Fevere iro	Març o	Ab ril	Ma io	Jun ho	Jul ho
Estabelecimento de parceria com a Camara Municipal de Guimarães											
Recolha das estórias da cidade											
Escolha e redação dos mitos selecionados											
Seleção dos artistas convidados											

Atribuição das estórias aos artistas											
Reuniões com outras entidades/ artistas											
Distribuição dos espaços e fixação dos mesmos											
Imagem Gráfica do projeto											
Comunicados de imprensa/ divulgação/ convites											
Equipa de colaboradores											
Evento											

## 2.2. Criação da parceria com a Instituição de cooperação ou de implementação do plano de intervenção

A instituição que escolhi para acolher o meu projeto foi a câmara Municipal de Guimarães, porque era a infraestrutura que poderia mais facilmente acolher o evento, e que mais interesse teria. O facto de o percurso se desenrolar na cidade e ter como base de criação os mitos e as lendas da mesma, tornou-se um reforço para a sustentação da escolha da Câmara como entidade acolhedora do projeto.

Tendo em conta este facto, entrei em contacto via e-mail com o vereador da cultura José Bastos, que era a pessoa no cargo na altura da proposta do evento. Expliquei-lhe toda a ideia do projeto e a solicitei uma reunião para esclarecer alguns pontos importantes. A primeira reunião aconteceu no dia 8 de dezembro de 2016, onde logo me disseram que aceitavam ser a instituição que iria acolher a minha intervenção. No mesmo dia apresentei-lhes uma proposta do projeto, com todo o plano de ação, e eles ficaram entusiasmados com a ideia de haver um evento de percurso na cidade, que tinha como suporte de conceção os mitos e as lendas da cidade. Curiosamente, percebi na conversa com o adjunto do vereador, Paulo Pinto, que não havia uma recolha feita sobre esta temática e mesmo eles sendo ligados à área da cultura não tinham uma recolha substancial sobre os mitos/lendas da cidade. No entanto, disponibilizaram-me

livros para consulta e acabámos por trocar informações em reuniões seguintes, sobre as recolhas de estórias que tinha feito.

A aceitação do projeto foi imediata porque segundo eles e através do estudo que fiz, nunca tinha havido em Guimarães nenhum evento do género, que para além de ter uma temática tão pouco abordada, era de um formato diferente do habitual, pois dava a conhecer o espaço geográfico da cidade e ainda conseguia mostrar trabalho de novos artistas vimaranenses.

### 2.3. Escolha dos mitos/lendas

A escolha dos mitos/lendas foi árdua. Achei que seria uma temática conhecida pelas faixas etárias mais velhas, mas não se revelou o caso. Sempre que tentava interpelar alguém sobre o conhecimento de mitos ou lendas da cidade as respostas eram muito vagas, ninguém conhecia nada em concreto. A estória que quase sempre era abordada referia-se ao mito das duas caras, que era sempre abordado pela população de uma forma pejorativa em relação aos vimaranenses. Diz-se que as pessoas de Guimarães têm duas caras de uma forma depreciativa, mas na realidade o mito refere-se a um momento da história em que o povo de Guimarães teve de defender duas frentes de batalha.

No geral não havia um conhecimento muito largo sobre esta temática. O que só reforçou mais a ideia que queria trabalhar sobre este tema. Então depois de ter percebido que não obteria as estórias através da população, passei à pesquisa em livros e em entidades que trabalhassem em torno da história da cidade de Guimarães.

O meu objetivo era que todas as lendas/mitos estivessem ligadas à cidade de Guimarães de alguma forma, para que, quem fosse assistir ao espetáculo pudesse de alguma forma ligar a cidade ao que estava a ver, e aos artistas envolvidos.

Comecei por encontrar livros, sobre episódios de reis e outras personalidades de Portugal que falam de momentos caricatos que não se passaram realmente como conhecemos. Depois de pesquisar em vários livros e de fazer a recolha de alguns, passei para uma fase de filtragem onde seleccionava

os que estavam ligados à cidade e mesmo assim foi realmente complicado encontrar.

Para complementar o que havia encontrado, apelei ao conhecimento de historiadores que trabalham no Museu de Alberto Sampaio, e graças a eles, consegui recolher uma significativa quantidade de mitos/lendas da cidade. O Museu tem editado um livro que fala exclusivamente de lendas e estórias da cidade. Foi graças a esse livro que consegui a maior parte das lendas/mitos que foram trabalhadas pelos artistas.

Na primeira listagem tinha selecionado as seguintes lendas/mitos:

- Milagre da Oliveira;
- Santa Catarina da Penha;
- Santa Margarida, a protetora das grávidas;
- Pedro Oliva e os privilégios das tábuas vermelhas;
- Duas caras;
- Espirro de D. João I.;
- Árvore do Cavalinho;
- O cutileiro;
- Filho que bate na mãe;



*Imagem 2- Árvore do Cavalinho, vista em vários pontos da cidade*

Foram escolhidas nove estórias que podiam ser representadas pelos artistas. O objetivo era a lenda/mito ser atribuído ao artista e ele a partir da informação que tinha, criar uma visão artística na sua área de criação através da desconstrução da estória que ele estava a trabalhar.



#### 2.4. Reunir com as equipas de criativos e distribuição dos textos

A seleção dos artistas foi feita com base nalgumas premissas: que os artistas que fossem trabalhar no projeto, estivessem ligados à cidade ou porque nasceram cá, ou porque vivem cá, ou porque vieram para cá estudar. Outra era que os artistas envolvidos ainda fossem novos artistas, que ainda tivessem muito trabalho para mostrar ao público, queria que fossem novos artistas ainda em formação ou que se estavam a relançar no mercado. Então, as primeiras pessoas que selecionei foram pessoas ainda ligadas à Universidade do Minho, no curso de teatro. Falei com alguns deles e consegui organizar dois grupos de teatro/performance para trabalharem no espetáculo.

Continuei à procura de pessoas de outras áreas artísticas, mas estava realmente difícil encontrar artistas, pelo facto do projeto não ser remunerado e por ser em plena época de verão. As áreas artísticas que foram mais complicadas de encontrar alguém foram a dança e a pintura, que maioritariamente levantavam questões únicas e exclusivamente sobre a data. Portanto, foram áreas com as quais não tive oportunidade de trabalhar.

Sugeriram-me ao longo desta seleção áreas artísticas com as quais não tinha pensado trabalhar de início, como moda e fotografia. Com o surgimento destas “novas” áreas no projeto consegui encontrar facilmente dois fotógrafos que estavam realmente interessados no conceito por trás do evento e na ideia de desconstruir através de fotografia mitos ou lendas da cidade.

A área da moda foi a mais fácil de todas de conseguir uma participação. Numa aula de mestrado, uma das minhas colegas deu-nos a conhecer os seus anos de experiência na área da moda com a criação de um figurino ao vivo para um trabalho de uma cadeira. Quando lhe fiz o convite para participar no espetáculo ela aceitou de prontidão, arranjando mais um designer de moda para criar um grupo com ela.

Depois de perceber os artistas que iriam trabalhar comigo, reuni com cada um para falar sobre os mitos que seriam atribuídos ao seu grupo. Foi importante discutir com eles as histórias e perceber que visão cada um tinha das mesmas.

Compreendi então, que era necessário enquadrar os mitos/lendas com a área artística que mais se adequava. Houve imensas conversas sobre a possibilidade de fazer um ou outro mito porque as ideias eram tantas que os grupos tinham realmente dificuldade em escolher. Então, passei também a abordar as escolhas de uma forma pessoal já que, conhecia todos os artistas que iam participar no evento, e conhecia a sua linha de criação. O meu papel de e como mediadora fez com que tomasse a decisão de escolher os mitos/ lendas para cada grupo, através das conversas que tinha tido com eles e da curiosidade de os ver desconstruir os mitos.

Todos os grupos sabiam que não se pretendia uma representação fidedigna das estórias atribuídas o que se pretendia era uma desconstrução das mesmas ou seja, os mitos/ lendas eram só um ponto de partida para a criação de algo diferente nas suas respetivas áreas e levar o público a ter curiosidade de investigar a “verdadeira” estória por trás da criação.

Portanto depois de perceber que tinha cinco grupos de trabalho, distribuí os mitos da seguinte forma:

- Grupo 1 Teatro/Performance- *Pedro Oliva e os Privilégios das tábuas vermelhas*; (texto em anexo)
- Grupo 2 Teatro /Performance- *Árvore do Cavalinho* (texto em anexo)
- Grupo 3 Moda- *Duas Caras* (texto em anexo)
- Grupo 4
- Fotografia – *Santa Margarida Protetora das grávidas* (texto em anexo)
- Grupo 5 Fotografia- *O cutileiro* (texto em anexo)

As estórias foram bem aceites por todos os grupos, que imediatamente começaram a trabalhar sobre os mesmos, com ideias e a pesquisar novas informações sobre os mitos/lendas, para além daquelas que eu já tinha fornecido.

## 2.5. Reserva de espaços

A escolha dos espaços para as apresentações foi a parte mais difícil de todo o projeto, porque um dos meus objetivos era dar a conhecer novos espaços ao público, espaços aos quais não temos acesso tão facilmente, e ao mesmo tempo desconstruir a ideia desses espaços. Claro que a primeira preocupação era que fossem espaços de fácil acesso e que fosse possível uma deslocação rápida entre os mesmos.

Numa reunião com as historiadoras do Museu Alberto Sampaio, recebi a ideia de usar espaços do Museu para um dos pontos. Então, o claustro do Museu foi logo a minha primeira escolha, porque é um espaço muito bonito e envolto em misticismo. Também porque tem uma árvore grande, que me fez fazer ligação rapidamente ao grupo da árvore do cavalinho.

A Igreja de S. Miguel, que também está sob a alçada do Museu, foi a segunda escolha para o grupo de fotografia que ficou com o mito da Santa Margarida para a exposição. O que fez todo o sentido porque a lenda está ligada diretamente ao espaço.

A ideia inicial era realizar o evento em cinco espaços, cada um para um grupo diferente, mas isso tornou-se realmente difícil, porque a procura e reserva dos espaços estava complicada ou por causa de datas, ou por causa de outros eventos, ou por questões logísticas.

O terceiro espaço surgiu como sugestão do próprio grupo de criação, que deu a ideia do jardim externo da extensão do Museu Alberto Sampaio, um sítio pouco conhecido a que só se tem acesso pela parte interior do espaço. E mais uma vez quando falei com o Museu disponibilizaram o espaço, mas levantou questões logísticas, porque o facto de terem de ter dois espaços abertos numa noite exigia gastos para o Museu, e como eles não estavam a levar qualquer tipo de custo pela utilização dos espaços, já se estava a tornar muito dispendioso. Foi então que as historiadoras Patrícia Sampaio e Sónia Silva se disponibilizaram a virem abrir um dos pontos de paragem do evento, para que se pudesse utilizar ambos os espaços do museu.

Ficavam a faltar dois locais de paragem para o evento, então surgiu a ideia de fazer no jardim interno do posto de turismo da praça Santiago, que não é de acesso público, e ao qual eu só tive conhecimento através do voluntariado da Feira Afonsina. Então fu diretamente à Câmara para pedir autorização para a utilização do espaço. Este tornou-se um dos maiores problemas que tive na fase de organização. A autorização demorou imenso tempo a sair por parte da Câmara Municipal, que não queria dar autorização, o que fez atrasar imenso a divulgação do projeto.

Como já estava a ficar tudo sobreposto a escolha de outro sítio e a espera por mais autorizações tornou-se impossível, rapidamente solucionei o problema com a utilização do mesmo espaço por dois grupos. Enquanto que o grupo do teatro/ performance usava o espaço do jardim no claustro do museu, podia facilmente colocar as fotografias baseadas na lenda do cutileiro nas paredes do mesmo. Ou seja, em vez de ter cinco pontos de paragem passei a ter quatro pontos.

Depois tive de proceder à escolha da ordem de apresentação e do percurso do espetáculo. Tendo em consideração as distâncias dos locais, as áreas artísticas e as estórias a ser retratadas, percebi que a melhor ordem era:

- Ponto 1- Igreja de S. Miguel;
- Ponto 2- Extensão do Museu Alberto Sampaio;
- Ponto 3- Posto de Turismo;
- Ponto 4- Museu Alberto Sampaio;

## 2.6. Base de dados

Ao longo do projeto percebi que havia necessidade de criar uma base de dados, para facilitar a divulgação e a comunicação entre toda a equipa envolvida no projeto.

Portanto, pedi a cada grupo que preenchesse uma ficha técnica com todas as informações do grupo, uma sinopse do projeto que queriam apresentar, e os contactos do responsável do grupo para ser mais fácil agendar reuniões e dar novas informações. (fichas técnicas em anexo)

Ao longo do planeamento, fui acrescentando novas informações as fichas técnicas, como o local da apresentação do grupo, o mito que iam trabalhar, o colaborador responsável pelo espaço do grupo. Estas informações organizadas facilitaram imenso o trabalho, porque sempre que precisava de alguma informação bastava aceder às fichas técnicas.

A minha base de dados não se limitava só as informações dos grupos, mas sim a uma lista dos colaboradores e aos seus contactos, aos contactos dos espaços envolvidos e a toda a gente que estava ligada ao projeto, desde os técnicos de material, ao designer gráfico.

### 2.7. Parte gráfica do projeto

A parte gráfica foi feita, pela designer Marlene Cardoso. A Marlene é formada em design gráfico, e logo que falei com ela sobre a possibilidade de ela fazer a parte gráfica do projeto, aceitou de prontidão, começando logo a fazer perguntas sobre o tema e o projeto em geral. Tive várias reuniões com ela para falarmos do conceito do espetáculo e sobre o que queria transmitir com a marca gráfica do mesmo.

Como ideia principal falámos de um logotipo que estivesse sempre ligado ao projeto, pois o objetivo é que hajam mais edições do “Estórias Performativas”, e como tal queria uma imagem que fosse facilmente ligada ao projeto. Surgiu-lhe então a ideia de pinceladas, que estavam ligadas à parte artística do projeto, e começou então a fazer estudos. (Imagens 3 e 4)



*Imagem 3- Experimentações da artista gráfica*



Imagem 4- Experimentações da artista gráfica

Depois de um estudo sobre as pinceladas, percebemos que podíamos brincar com as letras EP, porque eram as iniciais do projeto “Estórias Performativas” e eram as iniciais do conceito de espetáculo de percurso também. E foi aí que “EP” nos pareceu uma boa possibilidade (Imagem 5). Então ela depois começou a trabalhar sobre estas duas ideias e juntou-as no que passou a ser a marca gráfica do projeto. (Imagem 6)

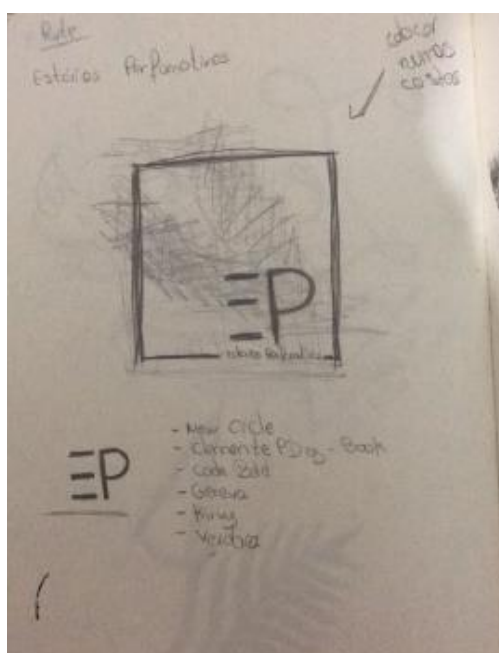


Imagem 5- Rascunhos do logotipo por parte da artista gráfica



*Imagem 6- Logotipo final do Evento*

Depois de a marca gráfica estar concluída passamos à parte da divulgação e começámos a discutir ideias para o cartaz e o flyer. Fizemos uma lista de informações que queríamos ter no cartaz: nome do projeto, data e hora, locais de paragem e os apoios.

A Marlene teve então a ideia de convidar um dos fotógrafos da exposição para trabalhar com ela e tirar algumas fotografias dos espaços que seriam utilizados na cidade. Por mero acaso, o fotógrafo Vitor Costa tirou fotos do Castelo de Guimarães, e a Marlene gostou da foto para ser utilizada como cartaz, porque para além de ser uma imagem de marca da cidade fica mesmo ao lado do sítio do início do percurso. Ou seja, quem visse o cartaz percebia automaticamente que o evento decorria na cidade. Então através destas ideias surge o cartaz do projeto (em anexo), que foi o ponto de partida para o flyer que foi distribuído no dia do evento, assinalando os pontos de paragem no mapa como breves descrições dos momentos artísticos.

A designer criou também para o projeto uma apresentação da parte gráfica para a divulgação do evento para outras edições, onde explica o conceito gráfico da parte dela. (em anexo)

### 3. Produção

#### 3.1. Divulgação do projeto

A divulgação do projeto infelizmente foi feita muito mais tarde do que eu tinha previsto. O facto da autorização de um dos espaços ter demorado tanto fez com que a divulgação só fosse feita uma semana, antes do projeto ser apresentado.

Mas apesar de tudo, consegui, com a ajuda do Nuno Passos que trabalha na reitoria da Universidade do que Minho, que fosse bem divulgado e em vários media diferentes. O Comunicado de imprensa, que foi escrito pelo próprio Nuno com a minha ajuda (em anexo), saiu para os órgãos de comunicação dias antes, mas ainda tivemos uma grande visibilidade. Vários sites de divulgação de eventos como Freepass, Guimarães digital, Guimarães Tv, Mais Guimarães, entre outros, fizeram propagação do espetáculo.



*Imagem 7- Imagem de divulgação do site Freepass*

O evento foi ainda divulgado dentro da própria universidade, através do e-mail geral para todos os alunos, bem como na página geral da universidade, e ainda na página do ILCH (Instituto de Letras e Ciências Humanas) como na página do ICS (Instituto de Ciências Sociais).

A rádio foi outro meio de divulgação que utilizei para fazer propagação do espetáculo para o público. Dei entrevistas para a R.U.M (Rádio



Universitária do Minho), para a Rádio Santiago e para a Rádio Fundação, que são as rádios mais próximas do local do espetáculo.

### 3.2. Equipa de colaboradores

A equipa de colaboradores foi realmente importante no dia do projeto. Existia uma necessidade de haver um controle de todos os espaços e uma organização entre a equipa para coordenação dos tempos de chegada e saída, de um espaço para o outro.

Antecipadamente escolhi uma equipa de cinco colaboradores, além de mim, para estarem distribuídos por cada um dos espaços, sendo que um deles iria orientar o público como guia.

Tive reuniões individuais com cada um deles, com objetivo de explicar o conceito do espetáculo, no caso de serem abordados pelo público com alguma questão, e as funções de cada um no dia.



*Imagem 8- Conversa com os colaboradores antes do início do evento, últimas indicações*

No dia do evento, na parte da tarde tive uma reunião geral com todos, para se conhecerem e para distribuir uma folha com os contactos dos outros colaboradores, e um mapa do percurso, caso fosse necessário existir alguma alteração. Foram distribuídas as últimas tarefas para o dia, até à hora do início do percurso e cada um deles foi para o seu ponto, ajudar na montagem do espaço e nos últimos retoques, desde transporte de material, a montagem das exposições.

A equipa de colaboradores foi incansável e fez um ótimo trabalho de comunicação e entreaajuda. Da parte dos colaboradores não falhou nada.

### 3.3. Dia do Evento/ Evento

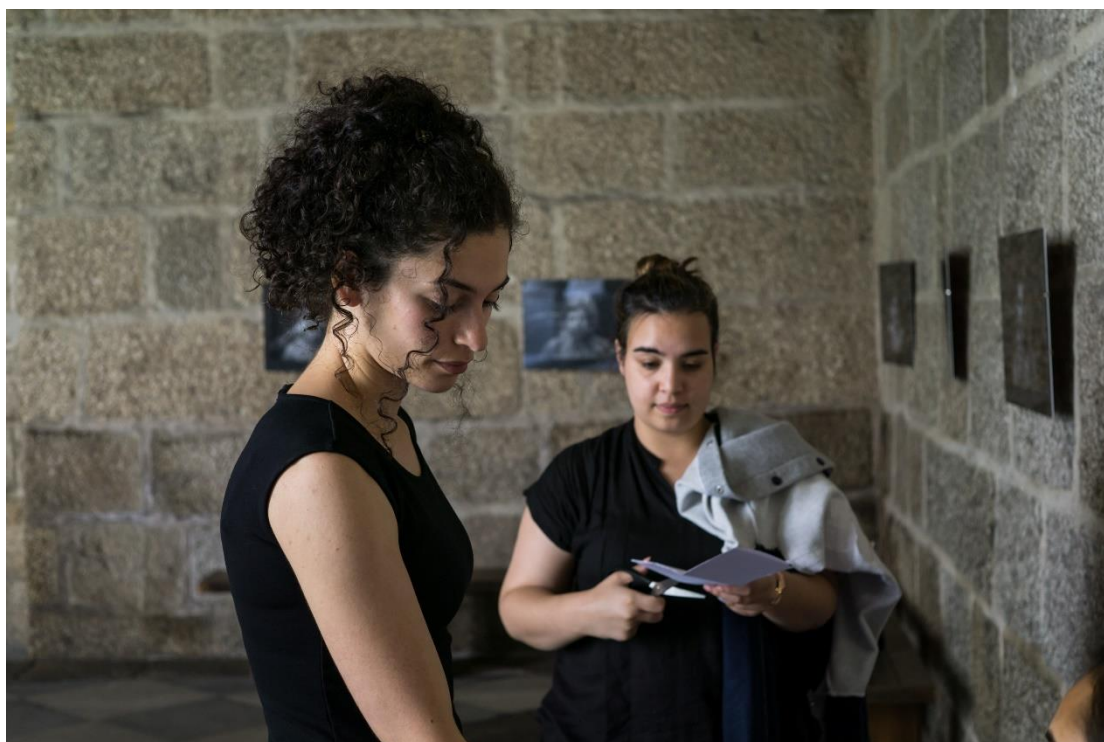
O dia do projeto começou muito cedo para mim. Às oito e trinta da manhã já estava no Museu Alberto Sampaio para a montagem da exposição do artista Vítor Costa e, como não podia deixar de ser, os imprevistos estão sempre a acontecer neste género de eventos. O Museu esqueceu-se de me avisar que nas manhãs de sábado há um mercadinho no claustro do museu, então tornou-se impossível a montagem da exposição da parte da manhã. O que alterou logo a agenda que tinha para o dia. Dirigi-me para o ponto 1 para a montagem da primeira exposição e, novamente, não podíamos proceder à montagem da mesma porque ainda estava aberta ao público. Tive de agendar a montagem do ponto um para uma hora e meia antes do percurso começar e a exposição do ponto 4 para depois do almoço que era a hora que o mercadinho do Museu terminava. As montagens não podiam ter sido feitas nos dias anteriores, por causa dos locais onde iam ficar, pois os espaços não tinham vigilância.

A manhã foi passada com a artista Marlene Cardoso, a rever o texto inicial do evento, para perceber pausas e trabalhar a projeção de voz.

Posteriormente, durante a manhã, dei entrevistas para as rádios para fazerem o spot publicitário do evento que iria acontecer nessa noite.

De seguida, fui almoçar o mais cedo que consegui para estar pronta a começar a montagem, o mais rapidamente possível à hora indicada.

Por volta da uma e meia estava no Museu, juntamente com um colaborador e com o artista, para proceder à montagem da exposição do último ponto de paragem. A montagem demorou cerca de uma hora e meia. Depois da montagem fui buscar as colunas de som e o projetor de vídeo para o museu para a performance sobre a árvore do cavaleiro.



*Imagem 9- Preparação do espaço da última exposição, no dia do evento.*

Entretanto chegou o grupo da performance do Museu Alberto Sampaio, para ensaiar no espaço uma última vez e para procedermos à montagem do material de som e de vídeo no local.

Quando acabei a montagem técnica eram quatro horas da tarde, hora que tinha marcado para a reunião com os colaboradores, onde dei as últimas indicações, distribuí-os pelos espaços que lhes foram destinados, e reforcei a ideia que era necessário ajudar em tudo o que fosse preciso nos respetivos pontos. A distribuição dos crachás de cada colaborador foi feita de modo a ser mais fácil a sua identificação e entreguei, a cada um deles, um envelope com os crachás dos artistas do seu espaço, um mapa do percurso total do espetáculo e uma lista com o contacto de cada um dos colaboradores dos outros espaços. Assim que acabei de estipular tarefas cada um deles dirigiu-se aos respetivos locais, onde os artistas já estariam a chegar.

Fiquei com a colaboradora Sabrina Rebelo, pelo facto de ser ela a responsável juntamente comigo pela deslocação do público de um espaço para o outro. Estivemos a rever novamente o percurso e a confirmar horas.

Posteriormente, a Sabrina foi ajudar num dos pontos onde era necessária a sua presença.

De seguida fui até ao ponto 3 (posto de turismo) onde estavam a chegar os artistas com as roupas e os modelos. Ajudei a descarregar todo o material e, de seguida fui fazer a montagem da luz e do som, até que percebi que faltava um cabo de som e liguei a um colega que logo me trouxe um cabo. Procedemos então ao ensaio do grupo da moda, para contar tempos de entrada e estipular qual seria a melhor ordem de entrada. Recebi entretanto uma ligação do ponto 2 (extensão do Museu) a solicitarem a minha ajuda na parte da iluminação. Desloquei-me então do ponto 3, que deixei a cargo do colaborador e dirigi-me ao ponto 2.

Quando cheguei a extensão do Museu, procedi à montagem das luzes e dei as últimas indicações sobre o espaço ao colaborador responsável.

Fiz então a pausa para o jantar por volta da sete da tarde. Juntamente comigo o grupo da moda e mais alguns colaboradores fomos jantar antes do espetáculo.

As oito horas dirigi-me para o primeiro ponto para proceder à colocação das fotografias e para organizar o que faltava nesse espaço, e para indicar alterações de percurso, pelo facto de existir um comício político no caminho do percurso inicial, que não nos tinha sido relatado com antecedência.

Por volta das nove menos um quarto começou a chegar o público e procedemos então à distribuição dos flyers à medida que iam chegando ao local.

Percebi que existiram atrasos na chegada do público, por não conhecerem tão bem o sítio de início do percurso, e por isso, às nove e um quarto todos os colaboradores receberam uma mensagem a dizer que o espetáculo estava a começar.



*Imagem 10- Início do evento com a leitura do texto inicial.*

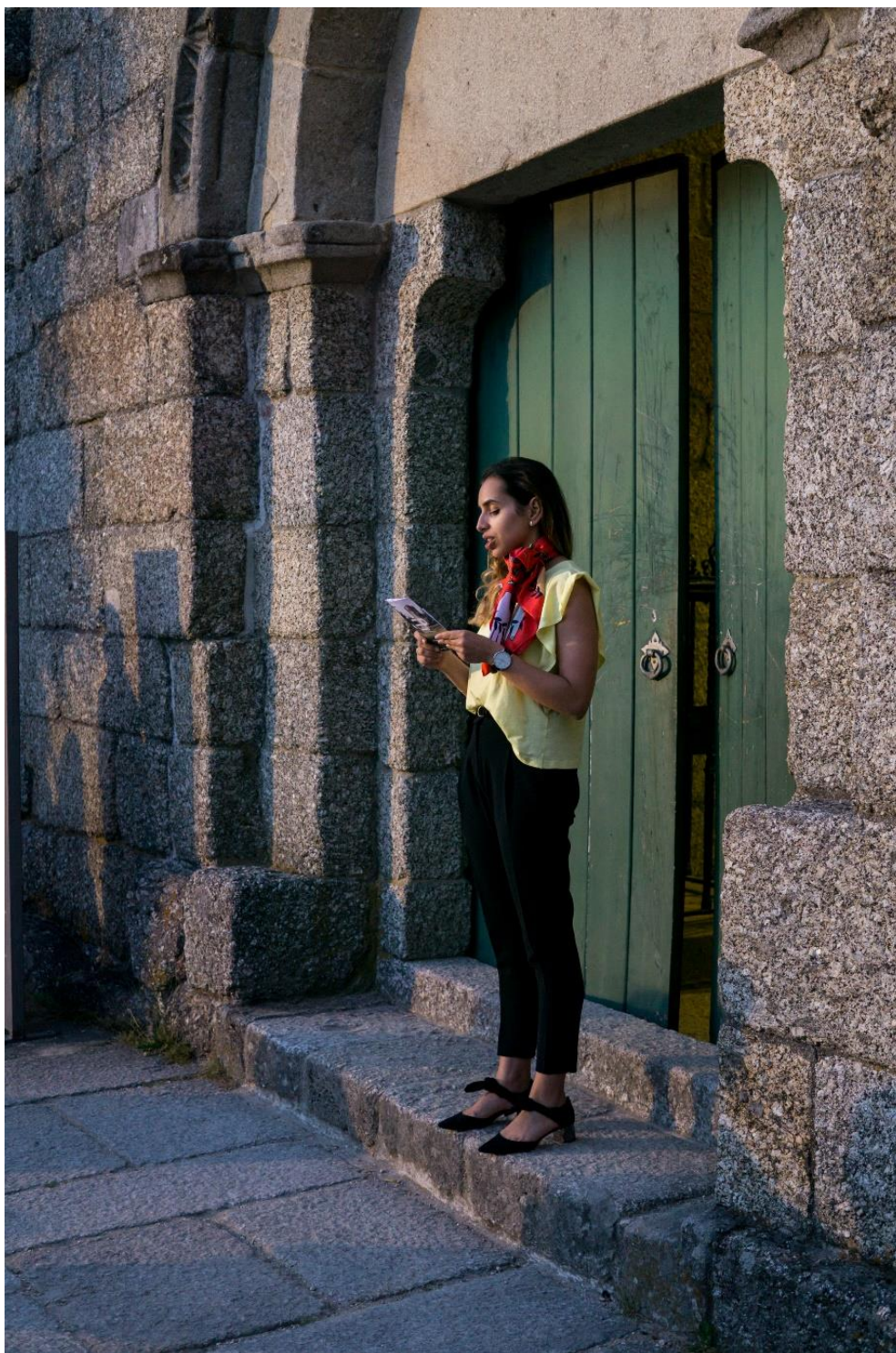
### 3.3.1.1. Ponto de paragem 1 – igreja de s. Miguel

O evento começou com a leitura de um texto da minha autoria que servia de abertura ao percurso (texto que se encontra no início do projeto). O texto foi lido por uma grande amiga minha, que percebia o significado que elas tinham para mim, o que tornou aquele momento muito especial, pois ela sente o mesmo pela cidade, a cidade que também a acolhe todos os dias.

De seguida foi aberta a exposição de fotografia com base na lenda de “Santa Margarida a protetora das grávidas”. O público fez o percurso da exposição calmamente e foi parando nas fotos que lhes chamava mais atenção. As fotografias representavam uma grávida que tinha como pano de fundo a própria igreja de S. Miguel. Quando todo o público já tinha percorrido a exposição começamos a deslocação para o segundo ponto.



*Imagem 11- Público no primeiro espaço de paragem – Exposição*



*Imagem 12- Atriz no primeiro momento do evento*

### 3.3.1.2. Ponto de Paragem 2 – Extensão do Museu Alberto Sampaio

Quando chegamos ao segundo ponto, já estava o colaborador responsável à nossa espera com flyers para distribuir pelas pessoas que se tinham juntado pelo caminho.

Na extensão do Museu Alberto Sampaio, o público pôde assistir a uma performance singular, que falava de política de uma forma irónica e em tom cómico ao mesmo tempo. Como não podia deixar de ser, a estória de base de criação desde texto era as “Tabuas vermelhas”, que falava sobre questões de benefícios de alguns e do poder político adjacente. Mas o grupo trouxe o contexto da estória para a atualidade, deixando-nos a pensar como as coisas não mudam assim tanto, mas obtêm formas diferentes. Uma única atriz conseguiu levar o público a interrogar-se sobre variadas questões em cerca de 30 minutos.



*Imagem 13- Performance do segundo ponto de paragem “ÉzEU?”*





*Imagem 13- Outro momento da performance da Extensão do Museu Alberto Sampaio*



*Imagem 14- Público a assistir a Performance “ÉzEU?”*

### 3.3.1.3. Ponto de Paragem 3 – Posto de Turismo

Passámos a Praça de Santiago de uma ponta para a outra para entrarmos no ponto 3, onde iria decorrer o desfile de moda baseado no mito das “Duas Caras”. O público foi dirigido para o jardim interno. De seguida foi passado em áudio a leitura de um texto, escrito por Sérgio Macedo, um ator (texto 6 em anexo), que dava contexto ao desfile e ao mito representado. Depois do áudio desenrolou-se uma sinfonia de sons animados, juntamente com o desfile das criações dos artistas Beatriz Martins e Manuel Rodrigues Faria, que mostraram duas abordagens distintas à desconstrução do mito. Um foi pelo lado mais tradicional e outro pelo conceito de dualidade. O público parecia estar a adorar este momento tão singular .



*Imagem 16- Modelo do criador Manuel Faria Rodrigues*



*Imagem 17- Modelos da criadora Beatriz Martins*

#### 3.3.1.4. Ponto de Paragem 4 – Museu Alberto Sampaio

O último ponto de paragem do percurso foi no Museu Alberto Sampaio. O público entrou no claustro do museu, iluminado por lanternas, para uma experiência mística e foi encaminhado para o local da performance. No local estava a ser projetado um vídeo que dava início à apresentação. De repente, fomos envolvidos num ambiente de ternura, perda e amor. As quatro atrizes ocuparam o espaço de uma forma muito bonita. O texto não se podia adequar mais ao espaço.



*Imagem 18- Performance no último ponto de paragem do percurso Agarra(me)*



*Imagem 18- Atrizes da Performance no Museu Alberto Sampaio*

Com o término da performance, foi aberta a última exposição da noite, que tinha como base a lenda do cutileiro de Guimarães. Onde foram apresentados retratos de pessoas da cidade envoltos em água. Eram fotos realmente interessantes, a nível visual que ao mesmo tempo uniam gerações.

O facto de a exposição ter sido a última apresentação da noite, abriu possibilidade de criação de conversas em pequenos grupos, sobre o que tinham assistido. Consegui participar em algumas dessas conversas e perceber as opiniões do público.



*Imagem 19- Público a ver e a conversar sobre a exposição do ponto 4*

O evento começou no primeiro ponto com 30 pessoas e quando se fez uma nova contagem no último ponto contamos 100 pessoas. Isto quer dizer que o público se foi juntando ao longo do percurso, o que tornou tudo mais interessante porque cada um viu um evento diferente.

## **4. Avaliação do Espetáculo e Opiniões**

### **4.1. Opiniões do público**

Depois do encerramento do evento pedi a algumas pessoas que me escrevessem opiniões sobre o espetáculo o que tinham achado que correu mal, o que gostaram, qual era a opinião que tinham sobre um evento deste género para eu poder ter uma perspetiva sobre a opinião geral do público. Estas foram algumas das opiniões que selecionei e que dizem resumidamente a opinião de todos com quem falei, ou que escreveram algo:

*“Um ponto que considerei muito interessante foi a descoberta de espaços novos, onde nunca teria entrado numa situação quotidiana. Locais que considero interessantes e com potencial para acolher diferentes tipos de projetos.*

*Para além destas características existe o facto de ser um percurso com um número limitado de espaços, mas onde se abrangeu os diferentes tipos de artes, como fotografia, performances e moda, o que fez com que o projeto se tornasse mais rico e cativante.”* (opinião na integra em anexo)

Marlene Cardoso

*“O que acontece quando aliamos a arte performativa com a história e a identidade de uma cidade, tão rica nestas vertentes, como Guimarães? O resultado é exatamente o projeto exposto neste artigo, e o Estórias Performativas, provavelmente é um dos, se não o único, que concilia de uma forma bastante complexa, eficaz, mas aparentemente simples ao olho do espectador, estas duas disciplinas, a arte e a história. “* (opinião na integra em anexo)

Mário Alberto Pereira

*“Qualquer iniciativa que preserve e valorize a arte enquanto arte e não apenas como entretenimento ganha, à partida, uma relevância diferente. Apenas testando limites é possível a evolução. É também disso que se trata. De evoluir, de procurar novas linguagens e de ensinar essas novas linguagens ao público.”* (opinião na integra em anexo)

Rita Silva

*“Colhendo o apoio da Câmara Municipal e do Museu Alberto Sampaio, desde logo, creio, indicativo do reconhecimento do valor e da mais-valia do projeto para a agenda cultural de então, e tendo como intuito relembrar mitos e lendas da cidade que a autora acredita ser necessário preservar, a viagem desde*

*a Igreja de São Miguel fez-se acompanhar de uma outra, no tempo, que conduziu o público à (re)descoberta.” (opinião na íntegra em anexo)*

António Rafael Freitas

#### 4.2. Autocrítica/ Elementos passíveis de melhoria

Depois de receber opiniões escritas e de conversar com o público no final do evento, posso dizer é de opinião geral que o projeto correu muito bem. A mensagem que queria transmitir foi passada e os objetivos todos cumpridos.

Através do evento consegui mostrar variados locais geográficos da cidade, onde se desconstruíram os mitos de várias formas artísticas diferentes e com olhares de futuro. Acima de tudo pude instigar a curiosidade do público para a temática dos mitos e das lendas da cidade. Curiosamente muita gente posteriormente me informou, que depois do projeto, sentiram necessidade de investigar as lendas e os mitos que estavam envolvidos no evento.

Claro que o facto de eu não ter facultado em nenhum momento, ao público, a estória que estava na base de criação de cada trabalho pode ser visto como uma crítica. Mas, um dos objetivos que me propunha era exatamente o de não facultar as estórias e suscitar o interesse pela procura das mesmas. O que levou muito do público a tomar conhecimento de outros mitos e lendas que não foram retratados no evento.

Podemos dizer que em termos de timing, o projeto correu muito bem. Aconteceu tudo exatamente como estava previsto, sem nenhum sobressalto. O único e maior contratempo que houve no dia do espetáculo, foi um comício político que decorreu durante as mesmas horas num local próximo, do qual não fui avisada por parte da câmara Municipal. Tendo já anteriormente trocado a data do projeto por causa de eventos do género. Este percalço em determinadas circunstâncias dificultou alguns momentos do evento: desde a deslocação entre espaços a problemas de som. Mesmo assim, conseguimos dar a volta e fazer desses contratempos, algo sem importância.



O projeto teve uma condicionante pela qual eu tenho de lutar para não acontecer noutras edições. O evento não foi construído a pensar em pessoas com pouca mobilidade, pelo facto de ser um acontecimento de percurso e por um dos pontos de paragem ser o único local onde havia sítios para o público se se sentar. O espectador, em nenhum momento, falou sobre esta questão nas críticas, mas enquanto organizadora do evento tenho noção que é uma coisa a melhorar numa próxima edição.

Outra coisa que tenho de ter em atenção no futuro é a reserva dos espaços o mais cedo possível para que não atrase a divulgação do evento. Isso pode ter sido um dos motivos que levou ao primeiro local de paragem ter tido menos aderência do que a esperada.

## 5. Considerações Finais

Posso depois de todo este tempo dizer que me sinto orgulhosa do meu projeto, ele obteve o resultado que eu esperava na minha cidade.

Consegui aprender muito sobre Guimarães, a nível geográfico e a nível histórico. Conheci pessoas que enriqueceram a minha cultura de várias maneiras. E que hoje são meus amigos. Criei parcerias com entidades que me podem abrir portas para outros projetos futuros, e com as quais pretendo trabalhar um dia novamente.

Este projeto concedeu-me ainda a possibilidade de dinamizar a minha cidade e começar a mostrar que as gerações mais jovens tem ideias e sabem implementa-las. O facto de sozinha ter gerido e produzido um evento desta dimensão fez com que artisticamente e pessoalmente sentisse que tinha crescido e isso para mim é importante.

Depois do evento ser realizado senti que algo mudou na comunidade vimaranense, até porque os mitos vão continuar na vida desta cidade. No dia 26 de maio de 2018, eles voltam a ganhar forma numa edição mais pequena na plataforma das artes, através de um convite feito por parte da organização de um evento que pretende dinamizar a plataforma. O que só reafirma o facto de o evento ter realmente criado impacto junto da comunidade vimaranense, que é uma comunidade sempre muito ligada às tradições.

Por isto e muito mais, quero agradecer novamente a todos aqueles que de alguma forma estiveram envolvidos neste percurso tão atribulado.

## Bibliografia:

### Livro integral impresso

- Amaral, D. (2015). *Assim Nasceu Portugal- por amor a uma mulher*, Alfragide: Casa das letras.
- Barthes, R. (1988). *Mitologias*, Lisboa: Edições 70.
- Borges, A. (2015), *Histórias Secretas de Reis Portugueses*, Alfragide: Casa das letras.
- Carlson, M. (2004) , *Performance a critical introduction*, Canada: Routledge;
- Ferreira, J. (2016), *Histórias Rocambolescas da história de Portugal*, Lisboa: A Esfera dos Livros;
- Grotowski, J. (1981), *Para um teatro pobre*, Forja;
- Pires, P. (2017), *Manual de Produção das Artes do Espetáculo*, Lisboa: Editora Chiado;
- Raimundo, R. (2016), *Episódios da História de Portugal- Que não aconteceram bem assim...*, Lisboa: Letras e Diálogos;
- Savereada, R. M. & Sampaio, P. & Silva, S. (2016) , *Lendas e Outras Histórias de Guimarães*, Guimarães: Amiguinhos do Museu de Alberto Sampaio;
- Silva, S. (2015) , *Segredos de Guimarães- Guimarães Top- Secret*, Famalicão: Centro Atlântico;
- Strauss, L. (2017), *Mito e Significado*, Lisboa: Edições 70.

### Teses

- Marques, A. (2014). *Lugares de memória-ponte de Misarela*. Dissertação de Mestrado em Património e turismo cultural, universidade do Minho, Braga. Acedido em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/33821>.

## Artigo

- Lehmann, H.- & Primavesi, P. (2009), *Dramaturgy on Shifting Grounds*, *Performance Research: A Journal of the Performing Arts*, 14:3, 3-6, 2009;
- Lyra, L. (2013) *O Mito como suporte intertextual na performance Joana in Cárcere*, Acedida em <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/17688/10118>
- Peterson, M. (1988) , *La disparition du désir*, *Moebius : écritures / littérature*, n° 36, p. 47-52, Acedido em <http://id.erudit.org/iderudit/15183ac>

### **Texto 1- Santa Margarida protetora das grávidas**

“A história de Santa Margarida é uma história fabulosa, como muitas outras histórias de Santas.

Margarida nasceu há muitos séculos atrás em Antioquia, na atual Turquia, num período de intensas lutas entre cristãos e pagãos. O seu pai era pagão, ou seja, adorava vários Deuses, mas Margarida, por influência da ama que a criou, tinha-se convertido ao cristianismo, uma religião em que se adora um Deus Único, Jesus Cristo.

Margarida era uma jovem pastora muito bela. Um dia, estava ela a guardar as suas ovelhas num verdejante prado, quando passou o governador daquelas terras chamado Olíbrio. Quando a viu Olíbrio ficou deslumbrado com a sua beleza e logo quis casar com ela. Mas Margarida tinha feito um voto de castidade e recusou o pedido de casamento. Olíbrio, furioso com a recusa, mandou atirar a a um fosso. Dentro havia um diabo, que mais não era que um enorme dragão, o qual rapidamente engoliu Margarida. Mas, como esta levava consigo uma cruz, conseguiu com ela cortar o ventre do monstro, tendo saído e dentro dele sem nenhum ferimento.

Este milagre fez com que muita gente comesse a acreditar em Deus e se convertesse ao cristianismo, o que ainda mais enfureceu Olíbrio. Maldoso como era, decidiu martirizar Margarida com atrozes suplícios e no final mandou-a decapitar.

Mas os homens e principalmente as mulheres nunca mais esqueceram Margarida, começando a adorá-la como Santa. As mulheres grávidas tinham por ela uma devoção muito especial e ela recorriam pedindo-lhe ajuda na hora do parto, para que os seus filhos saíssem sãos e salvos das suas barrigas, tal como a Santa tinha conseguido sair da barriga do malvado dragão. Por isso muitas mães batizaram em sua homenagem as suas filhas com o seu nome - Margarida - que significa pérola.

Em Guimarães, Santa Margarida era venerada na capelinha junto do Castelo, conhecida como capela de S. Miguel ou de Santa Margarida.

A tradição diz que as grávidas vimaranenses acorriam a esta capela a pedir proteção à Santa para terem uma “boa hora”, isto é, um bom parto fosse rápido, lançando de seguida três pedrinhas a um metro de distância pela seteira da capela-mor. Se as pedrinhas caíssem no interior do templo, ficavam a saber que iam ter uma menina, se, pelo contrário, as pedrinhas não entrassem, nasceria um menino. Era deste modo que a Santa respondia à pergunta das mulheres grávidas que queriam saber se iam ter uma menina ou um menino.

No Museu Alberto Sampaio há duas representações de Santa Margarida que vieram da sua capelinha junto ao Castelo: uma escultura em que a Santa pisa o dragão e uma pintura onde aparece com a cruz na mão, junto a São Miguel. “<sup>3</sup>

## **Texto 2 – Pedro Oliva e os privilégios das tábuas vermelhas**

“Esta é mais uma história que se passa no tempo do rei D. João I, como já foi referido, o rei de “boa memória” tinha uma grande devoção por Santa Maria de Oliveira que o ajudou a vencer a batalha de Aljubarrota e a quem veio agradecer e presentear com várias oferendas.

Quando veio a Guimarães em romaria, D. João I achou a igreja da colegiada de Santa Maria da Oliveira pequena e pobre e mandou refazê-la para que ficasse maior e mais bela. Quis, também agradecer ao D. Prior e aos seus cónegos concedendo-lhes certos privilégios que abrangiam igualmente os seus servidores e caseiros.

Estas regalias dispensavam as pessoas por elas abrangidas, os chamados privilegiados, do pagamento de certos impostos e de irem para a guerra ou para as conquistas de além-mar, entre muitos outros.

---

<sup>3</sup> Texto copiado na íntegra da Obra “Lendas e outras Histórias de Guimarães”

Estes privilégios foram concedidos pelo rei em 1385 e foram guardados num livro com capas de couro, de cor vermelha. Por isso, ficaram conhecidos como os privilégios das Tabuas Vermelhas.

Mas, como já foi dito, só abrangiam um grupo especial de pessoas e os que por eles não eram abrangidos sentiam-se injustiçados. Foi o caso de Pedro Oliva, advogado de profissão, que, junto do padrão do Salado, mostrou a sua indignação, proclamando a alto e bom som:

- Não é justo! Somos todos filhos de Deus, porque é que uns são privilegiados e outros não? Expliquem-me, quero saber!

Junto do Padrão, estavam o cónego Gonçalves e o Abade de freitas, ambos privilegiados, que, ao ouvirem tal discurso, repreenderam publicamente o advogado, que lhes respondeu:

-Vão bugiar! O Diabo não é tão feio como o pintam e, enquanto viver, não abro mão desta minha opinião!

Reza a lenda que, nesse momento, ainda Pedro Oliva não tinha acabado de falar quando caiu repentinamente aos pés daqueles religiosos, com a língua de fora, como que fulminado por um raio, tendo morrido logo depois. Foi sepultado na igreja de S. Francisco.

Esta história ou lenda está representada numa tábua, com escultura em relevo, originalmente colocada no Padrão do salado e que hoje se encontra no Museu Alberto Sampaio.”<sup>4</sup>

### **Texto 3- Duas Caras**

“Da estátua que se encontra na praça da oliveira, na antiga casa da câmara, contam-se inúmeras histórias sobre o facto desta se chamar o Guimarães das Duas Caras. Estas histórias vão desde um carácter pejorativo para os vimeiraneses, para o episódio de Guimarães ter que lutar em duas frentes de batalha na conquista de Ceuta, na que coube a Guimarães e na de Barcelos, depois dos barcelenses abandonarem a sua frente com medo

---

<sup>4</sup> Texto copiado na íntegra da obra “Lendas e outras Histórias de Guimarães”

dos mouros, mas o que é certo é que poucas são as pessoas que conhecem o verdadeiro significado desta estátua que não se enquadra em nenhuma destas histórias.

Mas o que levou a estes boatos foi a cara que o guerreiro tem gravada no escudo que se encontra na sua barriga, nascendo assim o Guimarães duas caras. Há um pormenor de pouca importância para quem vê aquela estátua tem um simbolismo que nos mostra o seu verdadeiro significado. Existe no escudo uma oliveira, símbolo de Guimarães que prende um leão, que, por sua vez está representado nas armas de Espanha, significando assim uma vitória sobre este país. Este escudo tem presente então o verdadeiro simbolismo desta estátua, o contributo de Guimarães para a independência de Portugal sobre Espanha.”<sup>5</sup>

#### **Texto 4- Árvore do Cavalinho**

“Há uma história que se conta de que aquela árvore estava ligada ao amor de um rapaz e uma rapariga, que ali namoravam e que conseguiram manter a árvore de pé como a memória desse tempo. Se é certo ou não, ninguém sabe. Mas é uma bela história. E acrescenta mais uma camada simbólica a ma árvore que é já mítica para a cidade.”<sup>6</sup>

#### **Texto 5- O cutileiro**

“Guimarães é terra famosa pelas suas cutelarias. Desde o tempo dos nossos primeiros reis que os cutileiros de Guimarães fabricavam facas, cutelos, machados, foices e outros utensílios.

Precisavam estes artesãos de terem sempre junto a si água, boa água para temperar, isto é, para ajudar a moldar os utensílios de ferro ou de aço que fabricavam.

---

<sup>5</sup> Texto retirado do blog “Tradições e mitos de Guimarães” Acedido em <https://tradicoesemitosdeguimaraes.webnode.pt/>

<sup>6</sup> Texto retirado do Livro “Guimarães Top- Secret” na bibliografia



Há uma lenda muito curiosa sobre um cutileiro e, claro está, a boa água de Guimarães!

Diz a lenda que, há muito tempo atrás, um anónimo cutileiro de Guimarães que vivia no lugar do Miradouro, em Creixomil, tentando pela aventura e pelo desejo de fazer fortuna, emigrou para o Brasil. Apenas levou como instrumentos de trabalho aas duas mãos e, no seu coração minhoto, muita vontade de vencer e muitas saudades da sua terra natal.

Chegado ao Brasil, onde já era conhecida a boa fama dos cutileiros de Guimarães logo arranjou trabalho numa oficina. Lá existia a forja soprada pelo fole de couro e ao lado a bigorna, os tornos de mão, os martelos, as tenazes, as talhadeiras, os ponteiros, enfim...os instrumentos próprios de um cutileiro.

Simplemente, sempre que este cutileiro começava um trabalho e tentava moldar as suas facas, os seus cutelos... era costume vê-lo franzir a testa e exclamar com nostalgia tristeza:

- Ai, água de Guimarães! Ai, água de Guimarães!

O mestre farto de o ouvir atribuir à água de Guimarães a virtude especial de ser uma boa têmpera, decidiu, um dia, mandar vir dessa terra portuguesa um barril com a tão desejada água.

E o barril com a água de Guimarães lá atravessou o atlântico e, quando chegou ao Brasil, a água foi deitada, sem que o cutileiro soubesse, no barril de temperar o ferro e o aço.

Começa, então o cutileiro vimaranense a trabalhar e, no momento em que tinha de mergulhar a peça no barril da água fria, espantando e contente, exclama:

-Ou eu sonho ou a milagrosa água de Guimarães está aqui!

É verdade que há águas que têm qualidades especiais e a de Guimarães, com certeza, que as tinha e continua a ter.

Esta lenda antiga é muito famosa entre os cutileiros de Guimarães, tendo passado de geração em geração e chegado, desta forma, aos nossos dias.”<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Texto copiado na íntegra da obra “Lendas e outras Histórias de Guimarães”

## **Texto 6- Texto áudio do início do desfile**

*“Edital, D. João, primeiro de seu nome, no alto da sua graça de mil quinhentos e dezoito de Novo Senhor Jesus cristo.*

*Eu, D. João, pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, a todas as justiças de nossos Reinos e a outros quaisquer que esta carta virdes, sabeis dos factos ocorridos na tomada da dita praça africana: chamada de Ceuta. Tendo distribuído a tarefa de defesa dos diferentes troços da sua muralha pelos contingentes de cada uma das terras que contribuíram com soldados para a conquista, protegendo-a contra o previsível contra-ataque dos muçulmanos. Contam os autos, que quando os homens de Barcelos avistaram o inimigo logo se puseram em fuga, deixando os vimaranenses à sua sorte. Assim como os de Barcelos fraquejaram nesta tarefa, os de Guimarães terão assegurado valorosamente a defesa de dois troços, juntando o que lhes tinha sido destinado aquele que os de Barcelos deixaram desguarnecido. Conseguiram assim evitar que os marroquinos recuperassem o domínio da cidade de Ceuta. Valorosos são os soldados de Guimarães, que se dividiram em duas caras, duas frentes de batalha. Desta forma, ficai sabendo que castigo a aplicar aos de Barcelos, para toda a eternidade: dois dos seus vereadores virão varrer as ruas de Guimarães, em vésperas de dias festivos, com um barrete vermelho na cabeça, pé descalço e outro calçado. Guimarães cinco dias de Abril, El Rei o mandou por Afonso, bacharel em degredos, prior d’ Alcáçova, doutor em leis do seu desembargo. Domingues Eanes a fez. Era de mil e quatrocentos e dezoito anos.”*

**Sérgio Macedo**

## **Texto 7- Comunicado de imprensa**

*“Espetáculo da UMinho evoca lendas de Guimarães*

*Uma protetora das grávidas veneradas junto ao castelo de Guimarães, uma árvore que abençoa os namorados, uma batalha marroquina evocada numa estátua de faces opostas, tábuas vermelhas régias que causaram um raio mortal e o cutileiro que levou a água das Taipas para o Brasil. Estas são lendas e mitos que vão ser reconstruídos no sábado, na cidade-berço, por jovens criadores de várias áreas artísticas. “Estórias Performativas - Espetáculo de Percurso” inicia às 21h00, na Igreja de S. Miguel e prossegue a cada 30 minutos, com outra lenda e outro local, neste caso para a extensão do Museu Alberto Sampaio (MAS), para o Posto de Turismo e para o MAS. A entrada é livre.*

*“Vamos reavivar para o público em geral as estórias da minha cidade, através da nova geração artística que também sente Guimarães de forma especial”, frisa Rute Fernandes, que coordena o projeto no âmbito do seu mestrado em Comunicação, Arte e Cultura da Universidade do Minho, com apoio do Município de Guimarães e envolvendo uma vintena de autores e intérpretes.*

*A iniciativa consegue aliar em simultâneo os espaços e o imaginário vimaranense. A representação pretende trazer “um olhar diferente”, como uma exposição de fotografia a partir da protetora das grávidas, uma peça teatral sobre as tábuas vermelhas, um desfile de moda alusivo às duas caras, uma encenação a evocar a árvore dos casais e a galeria de imagens sobre a água perfeita para cutileiros. “Para mim, esta é a cidade dos reencontros, por isso é a ideal para reencontrar estórias e pessoas”, salienta Rute Fernandes, notando que há um manancial de estórias locais a explorar. O espirro de D. João I, a cantarinha dos namorados, o milagre da oliveira e a relíquia da Santa Cabeça são outras conhecidas narrativas populares.”*

**Nuno Passos**

## Opiniões integrais

*“No passado dia 22 de julho de 2017 realizou-se o evento “Estórias Performativas” na cidade de Guimarães, no qual fui participante e em parte espetadora. Evento esse que se assemelha a projetos já práticos nesta cidade, mas com algumas diferenças, que no meu ponto de vista, acabou por tornar o “Estórias Performativas” singular.*

*O projeto, tinha o objetivo de obedecer um percurso já definido pela produção e dar a conhecer ao maior número de pessoas as lendas que a cidade conta, na minha opinião, numa perspetiva mais artística onde cada artista convidado definiu como seria contada essa história.*

*Este projeto conseguiu com que eu, como espetadora e participante, conhecesse um pouco mais a minha cidade, um lado mais mitológico. Consegui descobrir novos mitos sobre Guimarães através da intervenção dos vários artistas convidados.*

*Um ponto que considerei muito interessante foi a descoberta de espaços novos, onde nunca teria entrado numa situação quotidiana. Locais que considero interessantes e com potencial para acolher diferentes tipos de projetos.*

*Para além destas características existe o facto de ser um percurso com um número limitado de espaços, mas onde se abrangeu os diferentes tipos de artes, como fotografia, performances e moda, o que fez com que o projeto se tornasse mais rico e cativante.*

*Como participante tive outro tipo visão sobre o projeto, onde consegui observar um pouco o método de trabalho e organização do evento. Percebeu-se que cada artista era acompanhado com alguma regularidade pela organização, mas ao mesmo tempo sentiu-se que cada artística tinha total controlo sob o seu projeto.*

*Em suma, considero que este projeto tem potencial para avançar para novas edições e é o tipo de evento que torna a cidade de Guimarães mais rica e viva. Entendo que este tipo de atividades estimula a cidade, a comunidade artística nela presente e alguns os indivíduos que por ela*

*passam. Foram 4 locais que, com ajudam de 5 artistas, contaram 5 estórias e deram-me a conhecer uma nova cidade e novos pontos de vista.”*

### **Marlene Gomes Cardoso**

*“O que acontece quando aliamos a arte performativa com a história e a identidade de uma cidade, tão rica nestas vertentes, como Guimarães? O resultado é exatamente o projeto exposto neste artigo, e o Estórias Performativas, provavelmente é um dos, se não o único, que concilia de uma forma bastante complexa, eficaz, mas aparentemente simples ao olho do espectador, estas duas disciplinas, a arte e a história.*

*O percurso inicia-se na Igreja de S. Miguel, junto ao Paço dos Duques de Bragança, onde se encontra uma exposição fotográfica. Antes da entrada para o espaço, enquanto aguardamos cá fora, uma das guias conta uma lenda relativa ao sítio onde nos encontramos. Aparentemente, antes de toda a tecnologia de imagem ultrassonora surgir, mais propriamente a ecografia, quando um casal tinha interesse em revelar o sexo do seu fruto vindouro, deslocava-se a esse local, e a mãe pegava numa pedra de dimensões pequenas e atirava para a grade da janela, onde o resultado era ditado se era menino ou menina consoante o atravessamento da pedra na grade ou não. Após o conhecimento desta pequena curiosidade, entramos no espaço para ver a exposição fotográfica, e eis que nos deparamos com uma coleção de imagens de uma mãe que carrega no ventre o seu fruto, e onde esta estória nos é contada pela disposição visual das imagens ao longo do espaço. Aliou-se um mito a uma arte visual, e é este o ponto de partida do Estórias Performativas.*

*Após a Igreja de S. Miguel, somos direcionados para o próximo ponto, para a extensão do Museu Alberto Sampaio. Aí deparamo-nos com uma performance num pátio exterior, onde nos é contada a história de uma mulher que encontra um livro, ou mais propriamente, um diário, com descrições e pensamentos de alguém, e no fim tem o número de contacto dessa pessoa. A performance é sobre a ponderação de uma pessoa conhecer outra através*

*dos pensamentos partilhados pela escrita, e até que ponto isso nos agrada e fará com que procuremos o dono desses pensamentos. Uma ideia bastante interessante, e que nos deixa em dúvida sobre o dono do livro, e a sua autenticidade. A história aqui também somos nós com esta partilha, porque as dúvidas da atriz saem de lá connosco. Nós passamos a fazer parte. Já fazíamos, com as deslocações e observação, mas torna-se mais consciente para o espectador neste momento.*

*Em seguida, somos novamente deslocados, desta vez para um local um bocado irónico nesta situação. Como turistas somos guiados pela cidade aos vários pontos desta grande performance, e o próximo espaço é um dos pontos onde iríamos enquanto turistas, a Loja Interativa de Turismo de Guimarães. Dentro do local há acesso a um jardim isolado nas traseiras, bastante agradável, onde assistimos a uma passagem de modelos desenhados e concebidos por uma vimaranense. Apesar de assistirmos a um momento de passerelle, o fator histórico não se perde, onde nos é apresentado um edital realizado por D. João I, que diz aquando a defesa de Ceuta contra o exército muçulmano, os soldados de Guimarães e Barcelos ficaram responsáveis por esta batalha, sendo que os de Barcelos se retiraram com medo, deixando os de Guimarães a batalhar sós. Apesar de tudo, os vimaranenses, agora com mais trabalho por serem abandonados em batalha pelos de Barcelos, conseguiram ainda assim estabelecer a defesa sobre Ceuta e manter o território. Com esta atitude D. João I decretou que devido ao retiro dos de Barcelos, e ainda assim a vitória dos vimaranenses, dois vereadores da cidade dos cobardes, em véspera de dias festivos, deveriam deslocar-se a Guimarães e varrer a cidade com um pé descalço e outro calçado, e com um barrete vermelho na cabeça. Duas modas num só espaço, a moda contemporânea que trajam as modelos e a moda tradicional dos Nicolinos, o barrete vermelho.*

*Por último, somos dirigidos ao Claustro do Museu Alberto Sampaio, para observar uma última performance. Deparamo-nos com quatro atrizes, cada uma delas com a sua narrativa, totalmente independente, mas que se influenciam pela palavra. A última palavra de uma leva a que seja a primeira da outra, e assim sucessivamente. E ouvimos o que elas têm para nos contar.*

*Os seus percursos de vida. Neste caso o percurso de vida das suas personagens. É aqui que nos apercebemos que num relativo curto espaço de tempo, viajamos através de quase dois milénios de história, começando com mitos e lendas, até chegarmos a este momento final, onde as histórias são mais pessoais. Neste espaço de tempo vimos também a evolução da sociedade, a passagem de histórias coletivas para as mais pessoais. Este é um momento onde damos mais importância à nossa pessoa, construímos a nossa comunidade, agora é o momento de darmos atenção a nós próprios. Obviamente, sem destruímos esta definição de comunidade, e com espaço para melhorá-la continuamente, mesmo neste período de introspeção. E podemos fazê-lo melhorando-nos. Terminamos o percurso no mesmo espaço com mais uma coleção de fotografias para ver durante a saída do local. Agora a pensar na nossa própria história.*

*Estórias Performativas, é isto. É pegar em lendas de uma cidade e juntá-las à visão contemporânea dos artistas conterrâneos, e permitir que elas sejam contadas por uma nova perspetiva. É pegar em novas histórias, e fazer com que se tornem novas lendas para um local já repleto de velhas. É ter um público e torná-lo história. É fazer com que o público vá para casa e dê continuidade à mesma. É permitir que ao fim de uns anos a experiência de Estórias Performativas, seja a nova estória.”*

**Mário Alberto Pereira**

*“A pertinência de um trabalho artístico pode ou não ser proporcional à sua qualidade.*

*Há quem defenda que se deve fazer, teatro ou qualquer outra arte, que se deve fazer bom ou mau, mas fazer. Embora aceite que, na arte, mais ainda do que em todo o resto, é difícil reduzir um objeto, uma performance a algo unicamente bom ou mau, não consigo deixar de tentar etiquetar o que faço com uma destas categorias. Que pende, da minha posição de artista inconformada, para mau.*



*Pondo de parte a qualidade dos projetos apresentados, não por não os apreciar na minha inutilidade de leiga, quanto a alguns deles, mas sim precisamente pela minha inutilidade leiga.*

*Quanto à moda ou a algumas das outras iniciativas teria pouco a dizer e não querendo diminuir uma obra a uns quantos adjetivos vazios, abstenho-me assim de comentar qualidade e vou passar à quantidade.*

*Não acredito que se deva fazê-lo, mas parece a oportunidade para o fazer sem ser absolutamente absurdo.*

*Guimarães está repleta de eventos, musicais, desportivos, teatrais etc.*

*Há alguma variedade, há algumas opções.*

*Talvez por não ser do meu campo de interesse, estou pouco informada sobre algumas delas.*

*Sei que é uma cidade rica no contexto que mais vejo faltar no país em geral.*

*O que não é para as massas. O que preza o experimental, uma tentativa de refazer algo, acrescentando a novidade de um detalhe, se não for mais que isso.*

*Não sei se o propósito de envolver a comunidade será o mais simples, quando recorremos a algo que não é pensado para esse efeito. No entanto, dar o mesmo que o público vê na televisão, seja por novelas, pelos filmes de diminuição da massa cerebral ou reality shows que não deixam muito sobre que pensar, seria o mesmo que jantar batatas fritas de pacote com atum de conserva. Nada contra o ready-made, mas reivindicamos alguma originalidade e qualidade independentemente da vanguarda artística ou se se trata de culinária ou pintura.*

*Qualquer iniciativa que preserve e valorize a arte enquanto arte e não apenas como entretenimento ganha, à partida, uma relevância diferente. Apenas testando limites é possível a evolução. É também disso que se trata. De evoluir, de procurar novas linguagens e de ensinar essas novas linguagens ao público.*

*Promovendo este tipo de premissas um evento tem de ser considerado necessário e de preferência gerar uma espécie de contágio. O ideal seria uma determinada quantidade de réplicas, em diversas áreas. Não falo de produção em massa, mas é imperativo que existam algumas oportunidades de criação,*

*oportunidades de divulgação e oportunidades para a população em geral abrir os seus horizontes, como foram geradas, neste caso específico.*

*Nem sempre é possibilitado à comunidade artística liberdade de criação que permita que a sua voz seja ouvida, por esse mesmo motivo, quando tal acontece, diria que temos de lhe dar o devido valor.*

*Daí interpretar este projeto como algo mais ainda que enriquecedor para todos os intervenientes, incluídos aqueles que se dedicaram à produção do evento, à produção dos objetos artísticos e aqueles que assumiram o papel de espectadores.*

*Sobretudo realço o desenvolvimento do conceito e toda a pesquisa que está na base do evento, porque tudo tinha o seu fundamento teórico bem explorado e ainda a minha vontade de que este tipo de atividades não sejam isoladas, de que se repitam com alguma frequência e que a qualidade de quem a criou nunca deixe de se fazer notar, nos mais diversos campos em que se envolve. “*

**Rita Silva**

*“Na minha opinião, o projeto Estórias Performativas terá cumprido os objetivos previstos, porquanto o espetáculo resultante se revelou digno de ficar na memória.*

*Colhendo o apoio da Câmara Municipal e do Museu Alberto Sampaio, desde logo, creio, indicativo do reconhecimento do valor e da mais-valia do projeto para a agenda cultural de então, e tendo como intuito relembrar mitos e lendas da cidade que a autora acredita ser necessário preservar, a viagem desde a Igreja de São Miguel fez-se acompanhar de uma outra, no tempo, que conduziu o público à (re)descoberta.*

*Por ter sido, para mim, uma muito agradável experiência e por saber que a Rute certamente cumpriu com brio e dedicação tudo o que se propôs fazer, registo aqui as minhas felicitações e o desejo de sucessos futuros, pessoais e profissionais.”*

**António Rafael Freitas**

## Ficha de Produção 1

<input checked="" type="checkbox"/> Grupo <input type="checkbox"/> Individual
Nome Completo dos Elementos:
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>João Pedro Zacarias Gomes</b></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Marta Daniela Fernandes Ferreira</b></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Patrícia Daniela Leite Gonçalves</b></li> </ul>
Área de Participação:
<b>Teatro/Performance</b>
Responsável do projeto (grupo ou individual):
Nome: Zacarias Gomes
Telefone: ██████████
E-mail: ██████████
Sinopse do projeto:
<p>“ÉzEU?” nasce a partir do mito “Pedro Oliva e os privilégios das Tábuas Vermelhas”. Um mito que acompanha a história do berço da nação há séculos. Analisar o passado e compará-lo com o presente é sempre uma tarefa difícil, para nós seres conformados com o dia-a-dia. E se um telefona ao passado resolvesse todos os nossos problemas? A ligar para Pedro Oliva...</p>
Motivo de participação no projeto:
<p>O projeto “ÉzEU?” nasce segundo o convite da mestrandia Rute Fernandes. Somos ex-alunos do curso de Teatro da Universidade do Minho e encaramos este projecto como um enorme desafio. Explorar os mitos da cidade de Guimarães, uma cidade que acolhe centenas de estudantes todos os anos, e prespetivá-los segundo a vertente artística, levou-nos a questionar “Qual é a minha posição no mundo? / O que me motiva enquanto ser social?” .</p>
Estória atribuída: <b>Pedro Oliva e os privilégios das tábuas vermelhas</b>
Local da Apresentação : <b>Ponto 2 – Extensão do Museu Alberto Sampaio</b>
Colaborador: Zacarias Gomes

## Ficha de Produção 2

<input checked="" type="checkbox"/> Grupo <input type="checkbox"/> Individual
Nome Completo dos Elementos:
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Eva Sofia Ribeiro</b></li> <li>• <b>Mara Santos</b></li> <li>• <b>Sílvia Fernandes</b></li> <li>• <b>Francisca Sarmento</b></li> <li>• <b>Carolina Veiga</b></li> <li>• <b>Mariana Dixe</b></li> </ul>
Área de Participação:
<b>Teatro/Performance</b>
Responsável do projeto (grupo ou individual):
Nome: Eva Sofia da Silva Oliveira Ribeiro
Telefone: [REDACTED]
E-mail: [REDACTED]
Sinopse do projeto:
<p><i>Agarra(me)</i> surge de um mito pouco conhecido da cidade sobre uma história de amor tão forte que foi capaz de manter de pé uma árvore centenária, mesmo depois de todas as árvores que se encontravam à sua volta terem desaparecido, o amor que cresceu debaixo daquela árvore conseguiu com que esta nunca deixasse de existir, como que uma metáfora aquele amor que um dia existiu debaixo daquela árvore.</p> <p>Com este mito em mente a questão da história de amor não foi o que nos interessou mais, mas sim o que é que agarrava aquela árvore ao solo e por consequente aquilo que agarra cada um a um espaço, a um local, a uma pessoa.</p>
Motivo de participação no projeto:
Convite de participação por parte da organização.
Estória atribuída: <b>Árvore do Cavalinho</b>
Local da Apresentação: <b>Ponto 4- Museu Alberto Sampaio</b>
Colaborador: Mariana Dixe

### Ficha de Produção 3

<input checked="" type="checkbox"/> Grupo <input type="checkbox"/> Individual
Nome Completo dos Elementos:
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Maria Beatriz Pereira Martins</b></li> <li>• <b>Manuel Faria Rodrigues</b></li> <li>• <b>Ana Maria Chaves Ferreira Portugal</b></li> <li>• <b>Marlene Gomes Cardoso</b></li> <li>• <b>Helena Maria Gomes Cardoso</b></li> <li>• <b>Cidália Daniela Ferreira Carvalho</b></li> <li>• <b>Francisca Almeida Martins da Silva</b></li> <li>• <b>José Ricardo Fernandes Machado</b></li> <li>• <b>Ana Rita Ferreira Pinheiro</b></li> </ul>
Área de Participação:
<b>Moda</b>
Responsável do projeto (grupo ou individual):
Nome: Beatriz Martins
Telefone: [REDACTED]
E-mail: [REDACTED]
Sinopse do projeto:
<p>Em representação do Mito – "Duas Caras", concebeu-se vestuário com o pressuposto de efetuar duas frentes. Em conformidade com a lenda, pegou-se no conceito, e tal como a lenda da batalha7 a mesma peça, passou em duas frentes de utilização, ora casual, ora festa</p> <p>- o que representa a versatilidade das peças - sem ser necessário possuir um forte roupeiro para diferentes ocasiões. Com a particularidade de se ter empregado desperdício na valorização do vestuário festa. O vestido protótipo do projeto – desperdício usado em 2005 para abertura comercial em Braga - volta a passar no conceito da versatilidade de peças, com um novo olhar.</p>
Motivo de participação no projeto:
Convite de participação por parte da Rute, aluna do Mestrado em comunicação, arte e cultura
Estória Abridurada : <b>Duas Caras</b>
Local da Apresentação: <b>Ponto 3- Posto de Turismo</b>
Colaborador: Beatriz Merouço

## Ficha de Produção 4

<input type="checkbox"/> Grupo	<input checked="" type="checkbox"/> Individual
Nome Completo dos Elementos:	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Leonardo Vinicius Oliveira</b></li> </ul>	
Área de Participação:	
<b>Fotografia</b>	
Responsável do projeto (grupo ou individual):	
Nome: Leonardo Vinicius Oliveira	
Telefone: [REDACTED]	
E-mail: [REDACTED]	
Sinopse do projeto:	
<p>As fotos surgem da ideia latente na estória da gravidez e a associação à Igreja de S. Miguel onde vai ser a exposição. A ideia foi retratar uma grávida dos dias de hoje com as crenças de outros tempos.</p>	
Motivo de participação no projeto:	
Convite de participação por parte da organização.	
Estória Atribuída: <b>Santa Margarida, a protetora das grávidas</b>	
Local da Apresentação: <b>Ponto 1- Igreja de S. Miguel</b>	
Colaborador: Patricia Valente	

## Ficha de Produção 5

<input type="checkbox"/> Grupo	<input checked="" type="checkbox"/> Individual
Nome Completo dos Elementos:	
• <b>Vitor António Leal Dias da Costa</b>	
Área de Participação:	
<b>Fotografia</b>	
Responsável do projeto (grupo ou individual):	
Nome: Vitor Costa	
Telefone: [REDACTED]	
E-mail: [REDACTED]	
Sinopse do projeto:	
<p>No mito do cutileiro são enfatizadas as propriedades especiais das águas de Guimarães na arte da cutelaria. A verdade é que também são destacadas as qualidades dos cutileiros desta terra e das suas gentes em geral. Com esta exposição pretendi combinar estes dois elementos. Em cada retrato é então observada a simbiose entre um vimaranense e a nossa tão aclamada água.</p>	
Motivo de participação no projeto:	
Convite de participação por parte da organização.	
Estória atribuída: <b>O cutileiro</b>	
Local da Apresentação: <b>Ponto 4 – Museu Alberto Sampaio</b>	
Colaborador : Mariana Dixe	